



POR ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

Sou do tempo em que Ponta Delgada era um burgo provinciano insularizado e recheado de preconceitos e receios.

Ainda há poucos meses escrevi sobre a minha cidade dos idos anos sessenta num volume da série Avenida Marginal (III), editado pela Artes e Letras (Livraria Solmar) e recebi alguns comentários de nativos ofendidos.

No fundo admitiam a verdade do retrato, mas nestas coisas há sempre aquela atitude ancestral: misérias da família não se publicitam.

Só que naquele tempo Ponta Delgada era mesmo a cidade psicologicamente cinzenta que o escritor Dias de Melo gravou em título de um livro de crónicas.

Passados sessenta anos, porém, o burgo transformou-se. Ganhou cor, energia, sons estrangeiros nas ruas, restaurantes e bares alegres, energia nas praças e ruas do centro histórico, e uma atividade cultural de fazer inveja a qualquer outra cidade portuguesa da sua estatura.

Há dias, um amigo coimbrão dizia-me ser ela hoje só comparável a Lisboa e Porto.

Claro que, se fizermos as devidas ressalvas proporcionais comparando a dimensão populacional, o Porto ainda vai beber um porto ali para a fila de trás.

Tenho experienciado esta nova Ponta Delgada que se reinventou.

Por exemplo, assisti a quatro das seis noites de música do 10º Festival Música no Colégio, naquele deslumbrante e imponente átrio da igreja do Colégio dos Jesuítas.

A primeira abriu com “Carmina Burana”, de Carl Orff, pelo Coro Sinfónico do Coral de S. José, acompanhado pela Sinfonietta de Ponta Delgada, numa interpretação de altíssima qualidade, mesmo de fazer cair o queixo.

Ponta Delgada Capit - um pacote de razões ju



Uma envolvência soberba assegurada por acústica magnífica e por um maravilhoso cenário.

Porque os Açores são os Açores e porque em anos anteriores a chuva se atreveu atrapalhar alguns concertos, construíram uma cobertura de plástico para proteger o palco (volta e meia choveu também nessa noite, todavia ninguém arredou pé; os mais prevenidos abriram o guarda-chuva).

O que se consegue fazer nestes Açores de hoje impressiona qualquer alma de pau. As reações que ouvi entre o público, incluindo estrangeiros, confirmam que não estou a ser generoso.

O programa da segunda noite foi inteiramente diferente, mas igualmente inolvidável. Abriu com duas peças (de Franz von Suppé e Lopes Graça) pela Banda Filarmonia Mosteirense.

A energia magnética do maestro Carlos Sousa tocou intensamente a audiência. E como é que uma longínqua freguesia da ilha consegue reunir 56 elementos (15 são mulheres) e produzir música daquele quilate?

A resposta transcende-me.

Depois entrou em cena a beleza contagiante, visual e sonora, das cinco terceirenses do Fado Alado, acompanhadas de cinco

tocadores.

Que criatividade naquela harmonia de vozes! Que capacidade de comunicar com o público (aquela gente da Terceira nasce no palco; falam de lá com o à vontade de quem está à mesa em sua casa; e sempre com aquele humor deles - no caso, delas - a saltar-lhes da boca).

Não sou crítico musical, mas o que nos foi dado ouvir e contemplar deixou aquele imenso público eletrificado.

A junção dos dois grupos - a Filarmonia ergueu toda a assistência em entusiástico aplauso - resultou em pleno.

Nunca eu imaginara que o fado da Amália “Foi Deus” pudesse ser transformado em poderosa peça musical a cinco vozes e 61 instrumentos.

Não se fiquem por mim.

Se puderem apanhar a gravação da RTP, não percam.

O público aplaudiu sem arredar pé. Porque dessa vez não choveu, a praça estava à cunha e havia gente alcandorada sobre muros, em varandas e balcões - calculo que um total de 4 000 pessoas.

Uma noite de espantosa beleza.

Falhei à 3ª e 4ª Noites do Colégio por outros compromissos, mas retornei à quinta.

Provavelmente por influência de André Rieu, o programa dessa vez foi concebido como um divertido jantar de ópera com o título de “Operitivo sem calorias”, com a soprano, o tenor e o barítono armados em chefe, cozinheira e maitre D (excelentes vozes e, diga-se, muito bons atores também, com muita graça).

Os coros estiveram de novo a cargo do Coro Sinfónico do Coral de S. José. Retiro do programa parte da explicação: A ópera é para ser sorvida, mastigada e digerida. Por isso servimos uma brincadeira: um “Operitivo sem calorias” cujos pratos são gran-

des êxitos de ópera. O público será convidado a escolher de entre um “menu” de árias, duetos e trios célebres de ópera e ditará a ordem do espetáculo de acordo com o seu “apetite”.

A ementa era farta e variada, para todos os gostos.

Excertos de L’elisir d’amore (Donizetti), Le Barbier de Séville (Rossini), Carmen (Bizet), Die Tote Stadt (Korngold), Rigoletto (Verdi), Tarantella (Rossini), La fille du régiment (Donizetti), Nabucco (Verdi), Die Lustige witwe (Lehar) e La Traviata (Verdi).

Mais uma noite alegre com música de encher os pulmões e a alma, graças à belíssima interação de solistas-atores e o coro, que na parte final também entrou em cena, trazendo à ribalta todos os atores, maestro inclusive, para celebrarem os 10 anos deste Festival Musical no Colégio.

O sexto e último concerto da série ofereceu-nos um elenco de trechos musicais de sabor espanhol, interpretados pela Sinfonietta de Ponta Delgada (56 elementos).

Metade do programa foi preenchido por peças estrangeiras sobre Espanha (excertos da Carmen de Bizet, e o Capricho Espanhol de Rimsky-Korsakov).

A outra metade foi toda de compositores espanhóis, entre os quais o inevitável Manuel de Falla.

A explicação dada para a inclusão de uma noite espanhola este ano foi: “E por que não?”

Pois é. E por que não?

Foi uma bela maneira de terminar a série em grande festa, coma assistência a encher todo o recinto e a aplaudir com entusiasmo a excelente sinfonia cá da terra.

Num dos números, foi solista a 1ª violino Natalia Zhyilkina, uma ucraniana há vinte anos residente em Ponta Delgada.

Para não se pensar que na ilha só há música clássica, na longín-

